

B.K. BORISON



UM  
ROMANCE  
ESPIRITUOSO

(hr)

B. K. BORISON

UM  
ROMANCE  
ESPIRITUOSO

TRADUÇÃO  
LAURA FOLGUEIRA



HARLEQUIN

Rio de Janeiro, 2025



Copyright © 2025 by B. K. Borison. Todos os direitos reservados.  
Copyright da tradução © 2025 by Laura Folgueira por Editora HR LTDA.

Todos os direitos reservados.  
Título original: *Good Spirits*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.

COPIDESQUE Anna Clara Gonçalves  
REVISÃO Daniela Georgeto e Rebeca Benjamim  
DESIGN DE CAPA Ploy Siripant  
ILUSTRAÇÃO DE CAPA Brittany Keller  
ADAPTAÇÃO DE CAPA Guilherme Peres  
DIAGRAMAÇÃO Abreu's System  
EBOOK Flex Estúdio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Borison, B. K.

Um romance espirituoso / B. K. Borison; tradução Laura Folgueira. – Rio de Janeiro: Harlequin, 2025.

Título original: Good spirits

ISBN 978-65-5970-567-2

1. Romance norte-americano I. Título.  
25-300217.0

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura norte-americana 813.5

Bibliotecária responsável: Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

Harlequin é uma marca licenciada à Editora HR LTDA. Todos os direitos reservados à Editora HR LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 601A – Centro  
Rio de Janeiro/RJ – CEP 20091-005  
Tel.: (21) 3175-1030  
www.harpercollins.com.br

*Para os perdidos e esquecidos.  
E para os que acreditam e aguentam firme.*

# Sumário

Capítulo Um  
Capítulo Dois  
Capítulo Três  
Capítulo Quatro  
Capítulo Cinco  
Capítulo Seis  
Capítulo Sete  
Capítulo Oito  
Capítulo Nove  
Capítulo Dez  
Capítulo Onze  
Capítulo Doze  
Capítulo Treze  
Capítulo Catorze  
Capítulo Quinze  
Capítulo Dezesseis  
Capítulo Dezesete  
Capítulo Dezoito  
Capítulo Dezenove  
Capítulo Vinte  
Capítulo Vinte e Um  
Capítulo Vinte e Dois  
Capítulo Vinte e Três  
Capítulo Vinte e Quatro  
Capítulo Vinte e Cinco  
Capítulo Vinte e Seis  
Capítulo Vinte e Sete  
Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Capítulo Trinta e Nove



## Capítulo Um

# *Harriet*

No primeiro dia de dezembro, o universo me deu: um joelho lesionado, uma guirlanda retorcida e uma gata malcomportada.

Não preciso de nenhuma dessas coisas, mas tenho as três disputando minha atenção enquanto rolo até o último degrau da varanda depois de tropeçar numa gata rebelde. Ela mia e vem correndo atrás de mim, oferecendo uma lambida áspera no dorso da mão — como se não fosse o motivo de eu estar estirada na calçada em frente à minha casinha como numa cena de abertura de *CSI: Annapolis*, com um festão brilhante enrolado no tornozelo.

Oliver solta um miado lamurioso enquanto me sento depois de muito esforço e inspeciono meu joelho. Minha meia-calça rasgou e vou ficar com um baita hematoma, mas não está sangrando... muito. Acho que podia ser pior.

Então vejo que a felina responsável pelas minhas acrobacias matinais está segurando um pedaço de papel-cartão grosso com folha de ouro entre os dentinhos minúsculos e afiados, e minha positividade vai ao chão.

— Podia ter esperado até mais tarde, Oliver — resmungo, fazendo carinho na gata enquanto ela deposita o convite no meu colo.

Sinceramente, podia ter esperado até *nunca*.

Oliver mia de novo, dando uma cabeçada no meu braço antes de sair saltitando. Um “levanta a cabeça, princesa” silencioso. Com um balançar do rabo laranja, ela desaparece num canto, indo se ocupar com o que quer que faça durante o dia.

Olho para o envelope no meu colo. Vinte e cinco anos e minha mãe não mudou o design nem uma única vez. Quando criança, eu me escondia no hall do escritório dela e a observava escrever lentamente cada nome. Pensava que o

cuidado e a atenção aos detalhes significavam que ela queria que fosse especial. Agora, sei que ela só gosta do espetáculo.

Passo o dedo pelo meu nome: *Harriet York*.

Nem um pingo de customização ou uma única indicação de que a mulher que endereçou este cartão é a mesma que me criou. É o mesmo convite que o contador do meu pai recebe, assim como o restante da lista de convidados do anual Baile de Gala Natalino da Família York. O envelope chega sempre, sem exceção, no dia 1º de dezembro, porque o comprometimento da minha mãe com a tradição e a etiqueta é incomparável.

Coloco-o na bolsa, tomando cuidado para não dobrar o papel-cartão. Por mais que eu deseje que fosse mentira, é importante para mim receber um convite. Significa que ainda sou considerada parte da família, apesar do quanto nos distanciamos.

Com muita dificuldade, eu me levanto da calçada, desenroscando o festão rebelde da perna e pego as sacolas que caíram no arbusto ao lado da grade da varanda. Sempre estou com as decorações de Natal prontas antes mesmo de o convite chegar. Uma tradiçãozinha para a minha época do ano favorita. Passei o fim de semana tirando tudo do sótão e organizando em pilhas — não que isso tenha importância no momento. O festão, antes habilmente enrolado na balaustrada, está pendendo todo frouxo. A poinsettia gigante, que passei vinte e seis minutos ajustando para que ficasse *perfeita*, está com uma pétala faltando.

Ajeito o canto da flor enorme para esconder aquele espaço vazio.

— Pronto — digo. — Novinha em folha.

Tia Matilda costumava dizer que há poucas coisas que não podem ser resolvidas com uma mudança de perspectiva e novos cacarecos brilhantes. Apliquei isso à minha vida comprando decorações natalinas bizarramente grandes. Tento encontrar o lado bom das coisas, e, quando todo o resto falha, sempre tem o folhado de mirtilo da padaria minúscula no fim da rua para afastar o mau humor.

Não gosto de focar o lado negativo. Nunca gostei.

Então, não foco.

— Tudo bem aí, Harry?

Uma sombra recai sobre a cerca baixa de madeira que circunda minha propriedade. Darryl, o carteiro responsável pelo nosso quarteirão, está fazendo o possível para espiar por cima das caixas empilhadas em seus braços.

— Tudo certo, Darryl.

Vou mancando até encontrá-lo na cerca e pego o pacote de cima da montanha de encomendas. Ele sorri aliviado, o bigode grosso escondendo a maior parte da boca, mas não as linhas de expressão profundas perto dos olhos.

— Como sabia que a caixa ia cair?

— Provavelmente porque você não consegue nem enxergar com uma pilha desse tamanho. — A torre em suas mãos bambeia e a bolsa em seu ombro está abarrotada. Franzo a testa. — É a correria do Natal? Não é muito cedo pra isso?

— Que nada. Só estou devolvendo alguns pacotes entregues no lugar errado. — Ele se vira para olhar por cima do ombro. — Não sei como me confundo tanto.

Darryl tem *se confundido* durante toda a sua carreira, entregando a correspondência errada para as pessoas erradas há bem mais de vinte anos. Não sei por que um homem sem senso de direção decidiu virar carteiro. Dou uma olhada rápida no pacote em minhas mãos, então viro a cabeça dele no sentido da placa verde na esquina.

— Você está na rua errada. A etiqueta diz que isto precisa ser entregue na Morris Street. Aqui é a Murray.

Darryl aperta os olhos para enxergar as letras no papel, com um *Hein?* chocado preso no fundo da garganta.

— Não acredito que não reparei nisso.

Nem eu, considerando que ele cometeu o mesmo erro na semana passada. A maioria dos moradores passa o domingo descobrindo quem recebeu o quê e aonde aquela correspondência deveria ter chegado. Na semana anterior, houve tantas encomendas trocadas que decidimos fazer uma confraternização também.

— Que tal eu ficar com isto aqui — começo, colocando o pacote extraviado embaixo do braço — e deixar no endereço certo a caminho do trabalho? Assim, você pode terminar esta rua sem precisar ficar indo e voltando.

O rosto dele se ilumina.

— Faria isso por mim?

Já fiz coisas mais complicadas que envolviam muito menos reconhecimento. Sorrio para ele.

— Eu adoro brincar de Papai Noel — digo, com um tapinha em seu ombro. — Nos vemos depois?

Darryl me dá uma piscadela por cima do ombro, já seguindo pela calçada.

— Não se eu puder evitar.



No primeiro dia de dezembro, o universo me deu: mais dois pacotes extraviados, uma paradinha rápida para comprar curativos e nenhum folhado de mirtilo.

— Sinto muito mesmo, meu bem, mas acabou tudo.

Do outro lado do balcão, Paula me olha com a testa franzida, as rugas nas laterais da boca ficando mais marcadas de preocupação. Frequento a padaria dela desde os 6 anos, quando colava o rosto na vitrine com as bochechas sujas de mirtilo.

— Quer um de *cranberry* e maçã? — oferece ela.

Não. Quero um folhado de mirtilo. A promessa desse deleite doce e açucarado foi a única coisa que me fez sobreviver a esta manhã infernal. Era uma recompensa me motivando ao longo do caminho. Mas não é culpa de Paula que tenha acabado, então forço um sorriso e assinto, disposta a aceitar até migalhas dessa mulher.

— *Cranberry* está ótimo, obrigada.

Enquanto ela estende a mão para a longa vitrine de vidro, inspeciono meu joelho. O buraco na meia-calça aumentou, virando um grande rasgo em minha coxa. Pareço uma princesa grunge de Natal com minha saia de tweed e botas de cano alto. O curativo de unicórnio adiciona uma corzinha, pelo menos. Que bacana.

— Ah, não.

Ergo a cabeça. Paula está agachada, procurando na vitrine de massas recheadas.

— *Ah, não* o quê? — pergunto.

Odeio *ah, não*s. Não sei mais quantos *ah, não*s ainda aguento hoje.

— Acho que acabaram os folhados.

— Todos os folhados? Até o de *cranberry*? Não tem mais nada?

Paula suaviza as feições diante da completa devastação na minha voz. Eu *sempre* como folhado no dia 1º de dezembro. *Sempre*.

— Você chegou bem mais tarde que o normal — diz ela, analisando-me de maneira minuciosa de trás do balcão e apontando com a cabeça o meu joelho lesionado. — Você se meteu numa briga? O que aconteceu?

— A vida aconteceu — murmuro.

Cheguei mais tarde que o normal porque estava tentando fazer uma boa ação, mas acho que todo bem tem seu preço.

Ciente da fila que começa a se formar atrás de mim, passo os olhos pelas opções. As únicas coisas que sobraram são alguns croissants com manteiga e uns *donuts* simples com açúcar em cima.

— Vou levar um *donut*. — Olho por cima do ombro. — Desculpa deixar todo mundo esperando.

— Fica tranquila. — Com a pinça de metal, Paula pega um *donut* e coloca numa sacola para viagem. — Por que não pega um café na saída? Tem aquele *mocha* de hortelã-pimenta que você adora. Diz para Imani no caixa que eu falei que é por conta da casa.

Forço um sorriso.

— Obrigada, Paula.

Como meu *donut* de consolação enquanto bebo meu café também de consolação a caminho da Toca do Corvo, a loja de antiguidades que herdei da tia Matilda há alguns anos. Açúcar de confeitiro decora a frente do meu suéter conforme viro em uma das muitas avenidas tortuosas que serpenteiam pelo centro de Annapolis, seguindo o trajeto de paralelepípedos ao longo do cais. Aninhada ao fim da rua, a Toca do Corvo me aguarda — minha segunda casa —, emoldurada dos dois lados pela água cintilante.

Telhado de madeira. Acabamentos em verde. Uma placa com dizeres curvos e dourados acima da porta. Quando estiver mais perto, poderei ver as marcas de lápis desbotadas no batente, onde minha irmã e eu medíamos nossa altura a cada verão.

Enquanto meus pais guardavam nossos prontuários médicos num envelope pardo bem-organizado no escritório compartilhado, tia Matilda gravava nossa infância em suas paredes. Sempre encontrei um lar entre as coisas esquecidas que lotam e bagunçam as prateleiras da loja. Esses cacarecos me deram esperança. Me fizeram companhia. Mais de uma vez, peguei um bonequinho abandonado e vi beleza em suas imperfeições. Eu me perguntava se, ao consertar minhas partes machucadas e quebradas, eu também poderia voltar a ser brilhante. Perguntava se algum dia alguém me veria como algo precioso.

Saio da calçada para a pequena ponte de madeira bem em frente à entrada, os saltos das minhas botas quase estalando. *É como andar na prancha*, dizia tia Matilda, com uma piscadela. Salto pela última tábua e cumprimento os dois

abetos-de-douglas gigantescos que me aguardam pacientemente ao lado da porta, encomendados de uma fazenda de árvores de Natal a algumas cidades de distância. Pretendo decorar a loja enquanto Bing Crosby canta da vitrola antiga nos fundos e me empanturrar de chocolate com hortelã-pimenta até que a manhã de hoje não passe de uma lembrança ruim.

Mas meus planos pensados com tanto cuidado são enfiados embaixo das árvores. Nunca chego nem a colocá-las de pé. Assim que viro a placa de FECHADO para ABERTO, somos inundados por um fluxo contínuo de clientes. Eu devia ficar agradecida pelo movimento, mas são apenas o tipo de freguesia que faz um monte de perguntas e compra um total de zero itens, testando a positividade a que estou me agarrando por pura força de vontade. Em geral, não ligo de conversar, mas uma mulher passa quinze minutos no viva-voz do celular, outra tenta me convencer a comprar uma máscara de hidratação capilar que tem usado religiosamente faz dez anos e um homem irritado de meia-idade arfa de um lado para o outro com os tênis de marca pela seção de móveis.

— Você não tem nenhuma mesa de cabeceira desmontada? — pergunta ele, com as mãos na cintura e um dos tênis *off-white* chutado para o lado.

“Isto aqui não é a IKEA!”, quero berrar. Mas enterro essa vontade no mesmo lugar em que guardo minha tristeza profunda pelo folhado de mirtilo e boto um sorriso no rosto.

*Pense no lado bom das coisas*, digo a mim mesma. *Lado bom, lado bom, lado bom.*

— Não, a gente não vende antiguidades desmontadas — respondo, ficando orgulhosa de mim mesma por meu tom não vacilar. — Mas temos algumas peças encantadoras.

Quando o sol enfim desaparece pelas janelas dos fundos, estou exausta, meu joelho dói e não tem um único enfeite na loja, exceto por um pequeno ramo de azevinho colocado de qualquer jeito no almoxarifado. Viro a placa na porta da frente e dou um tapinha numa das árvores, arrastando os dedos pelos galhos espinhosos.

— Não se preocupe, amiga. Amanhã é um novo dia.

Com sorte, um dia melhor. Com sorte, um em que eu possa pendurar luzinhas nas minhas árvores.

O vento assovia sobre a água enquanto tranco a porta da loja, a chave ornamentada de latão pesando na minha mão — outra excentricidade da tia Matilda que não tive coragem de atualizar. Guardo a chave no bolso e subo a

rua, as luminárias enfileiradas de cada lado da calçada lentamente ganhando vida ao anoitecer.

Não há gatos rebeldes no meu caminho para casa. Nem pacotes extraviados, nem enfeites de Natal gigantes amassados numa pilha na varanda. Há apenas minha casinha tranquila de estilo *craftsman* numa ruela de Annapolis e uma porta que preciso chutar no canto inferior direito para abrir.

O brilho da árvore de Natal me recebe quando jogo minhas coisas num montinho ao lado da porta, sacudindo-me para tirar a meia-calça. Coloco meu pijama favorito — um conjunto de flanela vermelho e branco com renas dançantes — e prendo os cachos num rabo de cavalo. Agora, vou aliviar as decepções deste dia com *Natal branco* e chá de hortelã-pimenta. Amanhã, tento de novo.

O Natal sempre foi minha época do ano favorita. É a única em que parece que a magia talvez seja real e esteja pairando em algum lugar próximo à superfície. Como se desse para estender a mão e tocá-la. Segurá-la entre a ponta congelada dos dedos, como se estivesse nas ameixas açucaradas e nos cordões de pipoca. No fogo crepitando nas lareiras e nos biscoitos de gengibre recém-saídos do forno. O Natal sempre me pareceu certo. O Natal sempre me pareceu verdadeiro.

Eu me afundo no conforto do sofá e assisto ao filme, removendo a embalagem de uma bengala doce enquanto Betty e Judy cantam sobre serem irmãs. Algo difícil de engolir assenta no fundo da minha garganta. *Irmãs*.

Na infância, minha irmã e eu nos deitávamos no chão com as cabeças coladas e assistíamos a essa cena inúmeras vezes. Prometíamos uma à outra que seríamos iguais às personagens, gargalhando, sorrindo e dançando — *juntas*. Vimos nossa mãe e tia se atacarem e se desentenderem até a relação das duas virar uma pilha de cinzas. Sabíamos que queríamos algo diferente. Algo melhor.

Mas, da última vez que falei com minha irmã, havia flores de cerejeira nas árvores e lágrimas em suas bochechas. Por algum motivo, apesar das nossas melhores intenções, tivemos o mesmo destino que elas.

Eu segui um caminho. Samantha seguiu outro.

Afasto o pensamento. Hoje é primeiro de dezembro. Não é um dia para recordações dolorosas. É dia de Danny Kaye, de doces de hortelã-pimenta e das minhas meias mais confortáveis.

Tradição. Esperança. Gentileza.

Estou tão ocupada tentando tomar chá e me convencer de que estou bem que não noto as coisas importantes. Isto é, o homem desconhecido na minha sala. É o barulho das botas dele arranhando o chão que finalmente chama a minha atenção, sua sombra grande e ameaçadora pairando sob o brilho da minha árvore de Natal. Ele pigarreja, eu me viro em sua direção e...

Grito. Grito a plenos pulmões e jogo nele o objeto mais próximo. O controle remoto voa por cima de seu ombro e pousa ao lado de um enfeite de farol.

O desconhecido nem vacila, seu olhar cravado em mim, vindo das sombras.

— Olá, Harriet — diz, com tranquilidade.

A voz é rouca. Tem um leve sotaque que não consigo reconhecer ou distinguir. Não consigo *distinguir* nada dele, quase todo escondido nas sombras. Enxergo apenas um maxilar definido e um corpo largo, com as mãos ao lado.

Eu me afundo ainda mais no sofá. Fica difícil respirar. Todos os podcasts de *true crime* que já ouvi na vida começavam exatamente assim.

O desconhecido levanta as mãos, mostrando as palmas.

— Não precisa se assustar.

*Não precisa se assustar.* Beleza. Disse o homem que está parado — sem ter sido convidado — no meio da minha sala. Ele chega mais perto e a luz passeia por seu rosto bem definido. Está com a barba por fazer, mais aparente em cima do lábio superior. Um indício de um bigode, se o deixasse crescer por completo. Ele passa a mão pelo cabelo desganhado e bagunçado pelo vento.

Seguro minha bengala doce com força. Não é afiada a ponto de eu poder apunhalar o homem, mas tenho adrenalina suficiente correndo pelas veias para causar algum estrago, acho.

— O que você quer? — sussurro.

— Quero te ajudar. — Ele chega ainda mais perto. — Não é tarde demais, Harriet. Você pode consertar as coisas.

Pisco.

— Isso aí é, tipo assim, pregação de porta em porta? Não estou interessada em entrar para a sua seita, obrigada. — O rosto dele continua sem expressão. Dou uma olhada rápida na direção da entrada. — Como entrou na minha casa?

— Eu...

— Mais que isso, quando pretende ir embora?

— Eu não...

— Não tenho nada de valor. — Mordo o lábio inferior. — Mentira, tenho sim. A casinha de biscoito de gengibre perto do seu pé é pintada à mão. É provável que consiga alguns trocados por ela num mercado clandestino.

Ele analisa a casinha em questão, as sobancelhas arqueadas.

— Mercado clandestino — repete, devagar.

— Pode ficar com ela — sussurro. — Por favor, vai embora agora.

O homem balança a cabeça, voltando a atenção para mim. Seus olhos se demoram um pouco demais no tecido estampado da minha calça de pijama. Ele passa a mão no queixo.

— Não estou interessado na sua casa de gengibre.

— No que você está interessado, então? Assassínatos?

*Boa, Harriet, diz meu cérebro. Bem sutil.*

— Também não tenho interesse em assassínatos. — A luz se move sobre seu rosto. Ele é todo traços definidos e olhos afiados, sugestivos. O desconhecido tensiona o maxilar e levanta o queixo. — Estou interessado na sua alma — anuncia, de um jeito sinistro, e meu coração sobe para a garganta.

Hesito, esperando que ele continue, o que não acontece.

— Olha, isso meio que tem cara de assassínato.

— Não é um assassínato.

— Tem *muita*, muita cara de assassínato.

— Não é — insiste. — Eu não sou...

— É só que, se você não é um assassínato, devia realmente melhorar sua apresentação, porque...

— Estou aqui para o seu acerto de contas — interrompe ele depressa, levantando a voz. Parece frustrado, como se nada disso estivesse correndo conforme o plano. Ótimo. Somos dois, então. Ele contrai a boca e me lança um olhar estranho, uma espécie de brilho oscilando em seus olhos. Uma chama. Ou uma vela, quase. — Eu sou um Espírito dos Natais Passados, Harriet. Sua redenção está à espera.

Fico boquiaberta. Minha bengala doce cai no chão.

No primeiro dia de dezembro, o universo me deu: uma maré de azar e um... espírito, pelo visto.



## Capítulo Dois

### *Nolan*

*Harriet* me observa com um espanto silencioso. Não se mexe de seu lugar no sofá, tem os olhos castanhos arregalados e segura o cobertor com força junto ao peito. Depois de uma primeira reação fervorosa, parece ter decidido fingir que é invisível.

Para mim, isso não é problema. Sou um homem paciente.

Ainda estou me recuperando do choque do controle remoto quase atingindo minha orelha. Embora respostas violentas à minha aparição sejam comuns, não posso dizer que estava esperando uma dessa mulherzinha minúscula usando um pijama ridículo.

Eu me viro na direção da árvore de Natal e estico a mão, pegando de volta o pequeno aparelho enquanto *Harriet* processa tudo. Com cuidado, deixo o controle na mesa de centro.

Ela emite um som de engasgo, confusa.

Encantador.

— Você não... — *Harriet* engole em seco, inspira fundo, depois expira. — Você não parece um espírito — diz, enfim.

— Bem... — A palavra sai da minha boca e fica lá pairando, incerta. Não estou acostumado com pessoas duvidando da minha existência quando estou diante delas.

— Bem o quê? — indaga ela, encarando-me atordoada.

Uma caneca em formato de árvore de Natal se encontra ao lado do cotovelo dela, e tem tantas bengalas doces penduradas em diferentes luminárias que deve haver risco de incêndio. A bagunça se apodera de cada centímetro de espaço disponível. Esta casa é um desastre, mas... é festiva, acho. Um desastre festivo.

Tento reunir toda a minha bravata espectral.

— Eu sou um deles.

— Um espírito?

— Sim. — Assinto. — Eu sou um espírito. Ou fantasma. Como você preferir.

Em resposta, Harriet pisca devagar. Seu cabelo é uma confusão de cachos loiros desgrenhados presos de qualquer jeito num rabo de cavalo bem no topo da cabeça. Duas mechas estão soltas, roçando as maçãs do rosto altas. Ela esfrega os olhos com o punho, em uma aparente tentativa de enxergar direito, então abaixa a mão, piscando com a visão ainda turva para mim.

— Mas é claro. Faz sentido. — Ela solta uma risada um tanto histérica, revirando os olhos. — Você é um espírito — diz, baixinho. — Ele é um espírito.

Assinto.

— É. Eu sou um espírito.

O sorriso some do rosto dela pouco a pouco.

— Você é um espírito — repete, o sarcasmo se transformando em descrença.

— É, um Espírito dos Natais Passados.

— Que foi enviado para me assombrar? — Harriet aponta o dedo para o próprio peito. — Euzinha?

Solto um *humm* em afirmação.

— Estou sendo assombrada? Agora? — Ela semicerra os olhos, enrugando o nariz. — Isso é... difícil de acreditar.

— É uma reação até que comum.

— Você está *me* assombrando? Eu. Eu sou uma pessoa boa. Pago meus impostos. Alimento a gata da minha vizinha. — Ela aperta ainda mais os olhos. — Certeza de que não é só uma invasão domiciliar?

Balanço a cabeça, gesticulando para a sala.

— Eu não invadi lugar nenhum. Apareço onde sou convocado. É uma consequência involuntária do processo de assombração.

Harriet se ajeita embaixo do cobertor, torcendo a boca, pensativa. Isso também é comum. A passagem lenta do choque à confusão, depois à negação. A forma como as pessoas tentam entender minha aparição repentina e inesperada. Eu *sei* que não pareço um espírito. Pareço um homem comum. Bota marrom. Calça jeans escura. Camisa de flanela quentinha. Nunca curti muito o espetáculo estrondoso que alguns dos meus colegas fazem. Sério, não

tem por que usar fantasia, já que minha aparição do nada em geral resolve. Não vou começar a vestir um longo manto branco só pelo drama da coisa toda.

Se bem que, de repente, eu deveria. Pode ser que isso acelere as coisas.

Deixo a ideia anotada para a próxima vez.

Harriet lentamente volta os olhos para os meus e algo em sua expressão me incomoda. Inclino a cabeça para o lado e a analiso. Ela parece... familiar. Como o resquício de uma lembrança que não consigo recordar direito. Ou como uma... sensação, talvez. Uma música que já ouvi antes.

— Já nos conhecemos? — pergunto.

— Sei lá — responde ela, a voz falhando. Harriet se mexe no sofá e a luz passa a bater nela de um ângulo diferente. Meu incômodo se esvai. — Me diz você. Você é *stalker*, além de vândalo?

Reviro os olhos.

— Eu não invadi a sua casa, Harriet. Usei minha magia.

— Magia — repete, cética. — Você sabe que o método da invasão não invalida a invasão em si, certo?

Aperto a ponte do nariz.

— Dá pra gente, por favor, superar a parte da invasão?

— Ah, você ia adorar isso, né?

Ia, sim. Desesperadamente. Mal comecei esta missão e já estou irritado. Em geral, esse sentimento só aparece por volta da segunda ou terceira lembrança que visitamos. Passar a temporada de festas assombrando o pior dos piores de toda a humanidade não ajudou muito a amolecer meu coração na vida após a morte.

Parte da magia escapa do meu controle minucioso, e as luzes da sala piscam e depois diminuem a intensidade. Harriet arregala os olhos.

— Faz de novo — pede, num sussurro.

— Não.

— Por que não?

Porque não foi de propósito, mas ela não precisa saber.

— Porque não é você que manda.

Minha resposta acende uma faísca de rebeldia. Harriet se endireita no sofá, e o cobertor que a envolvia escorrega um pouco por seus ombros.

— Eu quero provas — exige.

— Do quê?

— Da sua... sobrenaturalidade. Você tem algum tipo de documentação? —  
Uma mão esguia emerge de baixo do cobertor, segurando uma bengala doce. A  
ponta da guloseima está afiada. — Um... distintivo, de repente?

— Um distintivo de espírito?

— Não sei como funciona esse tipo de coisa.

— A gente não carrega distintivo. Nem qualquer tipo de documentação.  
Ela me encara, desconfiada.

— Que conveniente.

Dou de ombros.

— Vou mencionar isso na próxima reunião de equipe, então.

— Reunião de equipe? Tem outros iguais a você?

Assinto. Há centenas de nós. Decerto ela não pode acreditar que existe só um  
Espírito dos Natais Passados assombrando todos os transgressores do mundo.  
Seria impossível.

— Tá, beleza. Está tudo bem. Sem problema — sussurra Harriet para si  
mesma.

Ela me encara, então desvia o olhar. Encara e desvia de novo. Na terceira vez,  
sua atenção permanece em mim.

— Faz alguma coisa sobrenatural — exige ela.

Deus do céu. Mas que mulherzinha...

— Não.

— Prova que você é um espírito — insiste. — Faz alguma coisa que só um  
espírito faria. O negócio da luz de novo.

Cruzo os braços.

— Não é um *truquezinho barato*.

Harriet assume um ar arrogante.

— É bem o que um não espírito diria.

— Eu acabei de me materializar na sua sala. Acho que isso, por si só, já é  
suficiente.

— Você surgiu de trás da árvore — corrige ela. — É possível que tenha  
entrado pela porta.

Viro a cabeça e faço questão de olhar para a fechadura da porta dela. A trava  
sequer saiu do lugar.

— Não entrei.

— Pela janela, então.

— A janela também está trancada.

Harriet ergue as sobrancelhas, procurando na mente por uma explicação.

— Talvez eu esteja tendo um sonho muito elaborado — diz ela, com a voz ficando fraca, então belisca o pulso.

Dou um sorriso irônico.

— Não está.

Ela bufa, irritada.

— Você é meio novo para ser um espírito.

— Quem disse? — Dou de ombros. — Eu morri jovem.

— E a sua voz. Qual é a desse sotaque?

Arqueio uma sobrancelha.

— Meu sotaque?

Ela assente.

— Eu morri irlandês.

Harriet franze a testa.

— E agora não é mais irlandês?

— Ainda sou irlandês, sim.

— Então por que não está assombrando uma garota bacana lá na Irlanda?

— Sei lá. Esta é a localização que me deram. — Coço o queixo. — Deve ser porque vocês, estadunidenses, precisam ser assombrados mais do que os outros.

Ela arfa, ofendida.

— Que grosseria.

Dou de ombros.

— É verdade. Vocês são um bando de narcisistas.

Harriet fica em silêncio, refletindo. Os únicos sons na sala são o zumbido da televisão às minhas costas e a bengala doce quebrando na ponta ao ser mordida. Ela usa um pijama de flanela com pequenas renas por toda parte e meias vermelhas grossas. O visual é estranhamente cativante, ainda que um completo absurdo.

— Estou sendo assombrada por um espírito — afirma Harriet. — Ao que tudo indica, eu fiz uma coisa terrível e agora estou sendo assombrada. Por um espírito.

— Isso mesmo, é assim que funciona.

— E tem *certeza* de que sou *eu* que você deveria estar *assombrando*?

Estalo os dedos e um pedaço de papel aparece em minha mão. Eu o desdubro e forço a visão para decifrar a caligrafia confusa. Isabella, minha supervisora no

departamento de Assombrações e Espíritos, prefere os métodos arcaicos. Nossas missões são sempre escritas à mão e entregues em pessoa.

— Você é Harriet York, certo? Tem 27 anos? Dona da Toca do Corvo?

Ela pisca, encarando o local onde o papel se materializou.

— Você tem um pedaço de papel com o meu nome? — sussurra.

— Me deram um, sim.

— Você não está se ajudando contra as acusações de ser um *stalker*, parceiro.

Suspiro.

— Isto não é perseguição. É assombração.

— Aham.

— É assim que fazemos as coisas.

Todo Espírito dos Natais Passados, Presentes e Futuros recebe uma carta de Isabella no último dia de novembro e... então partimos. Temos o mês de dezembro para mudar o comportamento dos transgressores que nos foram designados, ou eles serão fadados a uma vida de miséria e tristeza. Devo entregar Harriet ao próximo espírito até a véspera de Natal, senão ela estará condenada para sempre.

Ou algo do tipo. Nunca me importei a ponto de investigar os detalhes do que acontece quando meu trabalho termina.

— Vamos começar do início? — proponho. — Acha que isso vai te ajudar a aceitar o que está acontecendo aqui?

No sofá, ela se senta sobre as próprias pernas. Outro cacho faz uma tentativa desesperada de se libertar do rabo de cavalo.

— Não custa nada tentar.

— Eu sou um Espírito dos Natais Passados. Fui enviado para te ajudar a consertar as coisas. Vamos analisar o seu passado para que você possa aprender com seus erros.

— Tá... — pronuncia Harriet devagar, esticando a palavra até parecer mais uma pergunta do que uma afirmação.

— Sim? Tudo bem? Pronta para ir?

— Não exatamente. — Ela enfia a bengala doce na boca. — Tenho algumas perguntas.

Sinto meus ombros caírem.

— Óbvio que tem.

— Esses erros... — a voz dela suaviza, e um lampejo de arrependimento passa por seus olhos castanhos, sumindo quando ela pisca — ... foram o quê?

— Será tudo revelado quando visitarmos o seu passado.

— É só isso?

— Mais ou menos.

Harriet não parece convencida.

— E você tem certeza de que eu cometi esses erros? Que mereci esta assombração?

Quase pego o papel amassado que ainda está no bolso de trás da calça e o enfio embaixo do nariz dela. *O papel tem seu nome, quero gritar. Por que você está questionando a magia de um espírito natalino?* Passo a mão pelo cabelo, frustrado, e deixo a palma pressionando a nuca.

— A magia é quem decide. Você foi considerada passível de salvação, caso conserte as coisas. Você precisa se redimir.

Os mortais são todos iguais. Contestam no início — dizem que são *bons* e que não merecem ser assombrados —, mas não conseguem escapar da verdade. As lembranças não mentem.

E não posso seguir em frente até cumprir minhas obrigações sobrenaturais. Não estou interessado em ficar mais tempo do que o necessário neste lugar infernal. Passei cem anos *esperando*. Estou de saco cheio de ficar vagando.

Estendo a mão, impaciente.

— Vamos começar.

— Quer dizer, a gente até poderia. Acho — diz ela. — Ou poderíamos esperar.

Quase resmungo em voz alta.

— *Por que a gente precisa esperar?*

— Porque eu não estou convencida de que isto não é uma emergência médica e não estou a fim de ser assombrada hoje, valeu. Pode voltar para qualquer que seja o canto da minha mente de onde você saiu. *Eu* vou dormir e considerar esta noite inteira o resultado de um lote estragado de chá de hortelã-pimenta. — Harriet franze a testa e pressiona a têmpora com os dedos. — Ou de uma concussão.

— Embora eu me sinta lisonjeado em saber que estou alinhado com seja lá quais sonhos você está tendo, não é assim que funciona. Não posso só desaparecer. Estou preso a você durante a temporada natalina até que reconheça os erros do seu passado e eu possa entregá-la a um Espírito do Natal Presente.

Harriet ri, quase histérica.

— Ah, que ótimo. Mais regras.

Assinto.

— Sim. Tem um processo de transição.

Ela forma com os lábios as palavras *processo de transição*.

— É tudo muito organizado.

— Sim — admito. — Eu também não esperava que fosse desse jeito.

Quando morri, eu não tive escolha, mas, se tivesse, não teria escolhido isto: esta existência completamente mundana, observando outras pessoas seguirem com a vida enquanto fico preso onde estou. Assombrando humanos horríveis. Assistindo a suas lembranças tristes e deploráveis.

Depois de mais de cem anos assombrando o pior que a humanidade tem a oferecer, mal consigo me lembrar de como era quando estava vivo. As lembranças vêm e vão em lampejos de cor e som. O azul-turquesa dos ovos de um tordo. O verde do vidro marinho. Um rosa muito, muito claro. Ondas batendo na lateral de um navio e um sino de igreja soando em algum lugar distante. Um farol na praia.

Lampejos, em vez de momentos. Perdi tudo o que eu era. Agora, sou isto. A casca de um homem forçado a suportar o que há de pior nos outros.

Estendo a mão outra vez, frustrado.

— Está na hora.

Harriet nem se mexe.

— Não, obrigada.

Abaixo o braço.

— Harriet.

Ela pega sua caneca.

— Moço espírito.

— Você não pode fugir do seu destino.

Harriet arqueia a sobancelha.

— Uau, essa frase é ótima.

Mudo os pés de posição, desconfortável. Ouvi outro Espírito dos Natais Passados dizer isso uma vez. Sempre pareceu uma declaração muito poderosa.

Pelo jeito não é.

— Como posso te convencer a segurar minha mão?

Harriet passa os olhos pelo meu ombro e por toda a extensão do meu braço, ponderando. Ser um espírito significa que raramente sou visto — quase nunca

analisado. É uma sensação estranha. Sua observação minuciosa e lenta faz minha espinha formigar.

Meus dedos estremecem.

De repente, ela volta seu olhar ao meu.

— Quero falar com o seu supervisor, Espírito dos Natais Passados.

— Ah, por favor. Não seja esse tipo de pessoa.

Ela ri. Uma explosão alegre que irrompe de seu corpo. Harriet ri como se tivesse sido criada para fazer exatamente isso, e seu riso é suficiente para me fazer vacilar, à beira da indecisão.

— Então fale  *você*  com o seu supervisor — diz ela, ainda sorrindo. — Só assim vai conseguir me convencer a examinar o meu passado, ou seja lá o que você diz fazer. — Harriet puxa o cobertor antes largado de volta para o lugar, embrulhando-se nele como uma criatura entocada. Suas bochechas estão rosadas, e os lábios, vermelhos como maçã do amor. Ela combina com as luzes da árvore de Natal, todas coloridas e brilhantes. Mas um tiquinho exausta. — Se você aparecer amanhã de novo — continua —, talvez eu acredite que não foi tudo um sonho bizarro.

— É só disso que você precisa? Que eu retorne amanhã?

Harriet assente, olhando além de mim para onde o filme continua passando na TV. Eu me lembro do ano em que *Natal branco* foi lançado. Sentei-me bem no fundo da sala de cinema com todos os mortais, uma caixa de balas de canela apimentadas no colo e o coração na garganta. Vi Danny Kaye girar Vera-Ellen sem parar num vestido rosa-claro e senti dor na palma das mãos. Saudade de casa, ou algo do tipo. Um aperto sob o esterno, uma ânsia por algo que eu não conseguia alcançar. Algo que eu não conseguia sequer *nomear*.

Os resquícios de familiaridade me envolvem outra vez.

O rangido de um barco sob meus pés. A maresia e minhas mãos em metal polido.

Rosa muito, muito claro.

— Amanhã — repito, devagar, tentando entender aquele sentimento, mas falhando, demorando-me no meio da sala dela.

Isso nunca aconteceu antes. Ninguém jamais se recusou a segurar minha mão e... pediu para falar com um supervisor. A não ser que eu a prenda no sofá e a force a concordar, não posso obrigá-la a visitar o passado. Ela precisa escolher fazer isso.

Outra regrinha nossa.

— Isso. Amanhã. — Harriet puxa um pote de pipoca do nada, como se também tivesse os próprios truques de mágica. — Se for usar a janela ao sair, por favor, lembre-se de fechá-la até o fim. Senão entra uma corrente de vento.

Eu bufo, achando graça apesar de tudo.

— Eu não vou usar a janela, Harriet. Sou um espírito.

— Isso é o que você diz.

Dou um passo hesitante para trás, na direção da árvore.

— Vejo você amanhã — digo, com convicção.

Talvez, até lá, terei reforçado minha determinação.

Harriet me dá um joinha distraído. Reviro os olhos e invoco minha magia, que me envolve por inteiro antes que ela possa inventar mais alguma desculpa.

Ou tacar outra coisa em mim.



## Capítulo Três

### *Nolan*

*B*em na metade da rua de paralelepípedos que leva da câmara estadual em Annapolis até o porto, há uma loja vazia. Discreta, fica entre uma sorveteria e uma lojinha de equipamentos náuticos. As vitrines estão cobertas com papel pardo desbotado, e o toldo está torto, o tecido verde rasgado como se alguém tivesse tentado arrancá-lo.

As pessoas passam sem olhar duas vezes, ignorando as vitrines empoeiradas, em busca da promessa de um doce mais adiante na rua. Nesta época do ano, tudo tem cheiro de caramelo e chocolate quente. Calda de chocolate. Veludo molhado e pinho fresco.

Passo tão despercebido quanto a vitrine da loja vazia para a qual estou indo, escondendo o queixo na gola do casaco enquanto multidões fazendo compras de Natal se aglomeram ao meu redor. Saio da calçada e uma mulher esbarra no meu ombro, sua sacola vermelha brilhante com detalhes dourados quase me levando ao chão. Seguro seus braços para que não perca o equilíbrio, e ela me dá um sorriso envergonhado e distraído antes de sibilar um pedido de desculpas e sair correndo atrás dos amigos.

Ela não vai se lembrar de mim. Não vai nunca mais pensar em mim. Com exceção dos transgressores que me foram designados e do punhado de espíritos habitando esta cidade, ninguém olha diretamente para mim há mais de um século. As pessoas mantêm distância de forma natural, passando por mim como um rio contorna uma pedra. Há um sexto sentido enterrado em algum lugar da mente delas que lhes diz que sou outra coisa, que devem se afastar de mim. Não sou daqui nem dali — mas de outro lugar completamente diferente. De outro tempo. Espero, escuto e observo enquanto o mundo evolui e se transforma ao meu redor, sem que eu mesmo jamais vá a lugar algum.

Se eu fosse um homem taciturno, chamaria de meia-vida.

Mas é só a minha vida após a morte.

A porta da loja abandonada range quando abro, e um sino numa fitinha vermelha anuncia minha chegada. Durante um bom tempo, acharam que seria uma boa ideia ter o portal de acesso ao escritório do departamento de Assombrações e Espíritos na seção de toalhas da Bed Bath & Beyond. A intenção era fazer uma referência ao *Great Beyond*, isto é, o pós-morte, eu acho. Mas houve um acidente com um poltergeist e um pufe no formato de cheeseburger, e os mortais começaram a fazer perguntas. Agora, usa-se uma abordagem mais sutil.

Apesar da fachada surrada e decadente, o cômodo é iluminado pela luz do sol por meio de uma claraboia ampla que se estende por todo o teto. Um teixo enorme cresce no meio da sala, atravessando o piso de azulejos, seus galhos retorcidos e nodosos estendendo-se em direção ao topo. Duas poltronas confortáveis estão posicionadas junto ao tronco e uma grande mesa de mogno preenche o espaço vazio atrás da árvore, bloqueando de propósito o caminho até uma porta.

— Nolan! — Uma mulher baixinha de cabelo loiro lustroso acena para mim do balcão de recepção, suas pulseiras dançando para cima e para baixo no pulso. Ela tem geleia na frente da blusa e um folhado pela metade no cantinho da mesa. — Que surpresa!

O homem esperando pacientemente diante do balcão se vira na minha direção, com um chapéu de caubói surrado debaixo do braço. Ele me dá um aceno de cabeça, e eu levanto a mão em cumprimento. Não o reconheço, mas isso não é incomum. Às vezes, acho que deve haver mais seres espirituais do que humanos nesta cidade.

Betty, que é a recepcionista desde que me lembro e que provavelmente ocupa esse cargo há bem mais tempo que isso, gesticula para uma das poltronas.

— Deixa só eu ajudar este cavalheiro aqui e já te atendo.

— Sem pressa. Não me importo de esperar. — Eu me jogo em uma das poltronas e estico as pernas sob a sombra da árvore. — É bem confortável aqui.

Eu me distraio observando as nuvens pela claraboia enquanto Betty termina a conversa aos sussurros com o caubói perdido. Ficar neste cômodo sempre me faz sentir como se estivesse preso no fundo de um caleidoscópio. Cores pálidas e borradas e sons abafados.

A casa de Harriet me passou a mesma sensação, porém com mais entusiasmo. Como um caleidoscópio de Natal.

As bengalas doces. O cabelo bagunçado, quase com vida própria. Aquele pijama de rena. Nunca vi um pijama tão ridículo na vida, e isso inclui a vez que assombrei um homem que achava apropriado usar um macacão de lycra para dormir.

Será que foi presente de alguém? Uma brincadeira? Ou ela comprou para si mesma?

Que mulher estranha e excêntrica. Além de um verdadeiro pé no saco.

A porta atrás da mesa abre e fecha, e minha atenção se volta para Betty.

— Nolan. — Ela gesticula para que eu me aproxime, segurando uma tortinha de geleia com elegância. — Estou pronta para atender você agora.

Betty dá uma mordida colossal na torta, deixando as migalhas choverem na frente da blusa, e fecha os olhos em êxtase.

Eu a encaro.

— Tem certeza? Se precisar de um momento sozinha, eu posso voltar depois e...

— Não, não. — Ela termina a tortinha, com as bochechas cheias. — Houve uma confusãozinha na pousada em Church Circle — explica, as palavras emboladas por conta da massa e da geleia. Betty termina de engolir a guloseima e pressiona a boca com o punho. — Reed está enfrentando algumas dificuldades na missão dele. A pousada tem uma nova proprietária que insiste em queimar sálvia em todos os aposentos no andar de cima, o que faz com que ele seja expulso toda vez, e agora não tem para onde ir. — Ela me lança um sorrisinho tenso. — Mas chega desse assunto. Em que posso ajudar? Não costumo te ver muito no comecinho da temporada natalina. Como está indo sua missão?

Minha missão está um desastre. Minha designada não acredita em nada que eu digo e insiste em defender sua inocência. Ah, e ela exigiu que eu viesse aqui e falasse com a minha supervisora.

Coço o queixo.

— Tive um pequeno contratempo — admito. — Queria discutir isso com Isabella.

Betty faz uma careta, compadecendo-se.

— Sua designada tentou te espantar com sálvia?

— Não. Não houve sálvia envolvida.

— Ela usou as velas baratas daquela médium em Waldorf?

— Também não. — Ainda bem. Ouvi dizer que as dores de cabeça causadas por essas velas duram uma década. — Só estava querendo um momentinho com Isabella, se não for pedir demais.

Betty me lança um olhar cúmplice.

— Bem — diz ela, limpando as migalhas da saia —, você sabe como ela é.

Sei, sim. Conheço Isabella desde o dia em que apareci no escritório bem-arrumado dela, chocado e ainda ensopado com a água do oceano em que me afoguei. Ela me deu uma olhada, arqueou a sobrancelha e perguntou: “Por que você está me olhando com essa cara?”.

Como se eu tivesse escolhido cair do navio no meio de uma tempestade de inverno.

A delicadeza não é uma das qualidades dela.

— Eu gostaria de vê-la mesmo assim.

Betty pega o telefone na ponta da mesa e digita três números. Outro folhado aparece magicamente bem ali, como se o universo, o destino ou seja lá o que governa este mundo soubesse que ela precisa de um tiquinho de coragem.

— Então é bom se preparar para o seu enterro — diz ela.

Dou um sorrisinho.

— Não vai ser o primeiro.

Betty solta uma risada pelo nariz.

— Certifique-se de continuar com o bom humor quando vir Isabella.

Ouçó o zumbido ocioso de um tom de discagem, uma voz ríspida, então um silêncio enquanto Betty explica a situação. O silêncio se prolonga por diversos segundos desconfortáveis. Até as folhas da árvore atrás de mim farfalham agitadas.

Betty coloca o telefone de volta no gancho com uma careta.

— Ela vai receber você agora.

Não saio do lugar.

— Ela está brava?

Betty entrelaça os dedos sobre a mesa. Abre e fecha a boca, e então tenta de novo.

— Não tenho liberdade para dizer.

Suspiro.

— Então está.

— Melhor só esperar para ver — opina, gesticulando para a porta fechada atrás de si. — Você conhece o caminho.

A porta discreta atrás da mesa de Betty leva a um corredor igualmente desinteressante, a luz natural substituída pelo brilho de lâmpadas fluorescentes. Portas minuciosamente identificadas com placas ocupam os dois lados, espaçadas entre si em intervalos regulares. Leio os letreiros conforme vou passando.

*Fantasmas, Ghouls, Espíritos Malignos* à esquerda. *Anjos da guarda, Cupidos, Essências* à direita.

As palavras de Harriet me vêm à mente.

“É tudo muito organizado.”

Ah, se ela soubesse...

Eu estava falando sério sobre as reuniões de equipe. Temos relatórios trimestrais, também. Além de diversos benefícios que ainda não descobri direito como utilizar e um piquenique de verão ao qual sempre esperam que a gente vá.

A porta da seção de Possessões chacoalha de um jeito sinistro quando passo por ela. Um bebedouro pinga na frente da de Ceifadores. Passo por aquela da seção de Poltergeists e escuto uma discussão acalorada do outro lado, um sotaque forte subindo de volume, depois sumindo. Eu me pergunto se é ali que o caubói que estava no lobby foi.

A porta da seção de Espíritos Natalinos fica bem no fim do corredor, feita em madeira escura e com uma maçaneta dourada brilhante. Costumava haver um raminho alegre de visco pendurado. Nunca descobri por que Isabella o arrancou.

Bato duas vezes à porta, simulando vagamente a melodia de “Jingle Bells”, tentando cair nas graças da minha supervisora.

Não adianta. Uma voz ecoa lá de dentro:

— Entre.

Espreito com a cabeça pela porta primeiro, tomando cuidado para não entrar por completo. Isabella já está de cara fechada, a seriedade de sua expressão de algum modo destacada pela sua tiarinha de rena que pisca. Só Isabella seria capaz de fazer um acessório natalino parecer intimidante. O cabelo escuro preso atrás da orelha, a pele bronzeada, macia e sem manchas. As maçãs do rosto salientes. Os olhos escuros e perspicazes.

Dizem que ela morreu pouco antes de seu aniversário de 20 anos e ficou furiosa demais com a morte precoce para seguir em frente. Ela começou no departamento de Déjà-Vu, mas se transferiu para o de Assombrações e Espíritos em algum momento do final do século XV. Desde então, é chefe da seção de Espíritos Natalinos.

O escritório dela é tão vazio quanto o restante do departamento, exceto pela mesa e a estante de livros logo atrás. Cada centímetro de espaço disponível foi coberto com globos de neve de diversos tamanhos e formatos. Alguns estão com a neve caindo e outros, completamente imóveis. Isabella segura um com a silhueta obscura de uma cidade, os floquinhos brancos pairando preguiçosos sob o vidro.

Ela o coloca de lado enquanto entro e fecho a porta.

— Nolan — cumprimenta, sem emoção.

— Isabella. — Abaixo o queixo. — É sempre um prazer.

Ela solta um zumbido e arrasta uma unha vermelho sangue pela borda de outro globo de neve.

— Ou você quebrou um recorde impressionante, ou está aqui para me irritar.

— Isabella pausa antes de continuar: — Qual dos dois?

Entrelaço as mãos nas costas.

— Eu não quebrei um recorde impressionante.

Ela aperta os lábios. A tiara de rena alterna entre o vermelho e o verde.

Vermelho. Verde. Vermelho. Verde.

— Qual é a da tiara? — pergunto.

Nunca a vi usar nem um brinco chamativo que seja.

Ela fecha ainda mais a cara.

— Os executivos acharam que eu precisava mostrar um pouco mais de espírito natalino. Para levantar o ânimo da equipe. Você veio aqui me perguntar sobre a tiara?

— Não, eu...

— Sobre a confraternização de fim de ano, talvez?

— Também não. Eu estava querendo saber se...

— Presumo que esteja *querendo saber alguma coisa*, já que está aqui. No meu escritório. No início da temporada natalina. — Ela se recosta na cadeira. — Desembucha, Nolan.

Tensiono o maxilar e então o relaxo. Garanto que a tiarinha dela não está levantando o ânimo de ninguém hoje.

— Por acaso eu estou participando de algum treinamento?

A carranca dela atravessa o rosto todo.

— Quê?

— Tem algum treinamento rolando sem eu saber?

Isabella me encara por tanto tempo que cogito desaparecer porta afora. Eu a observo com cautela.

— Que dia é hoje, Nolan?

Inspeciono a estante atrás dela. No meio de todos os globos de neve, há um pequeno calendário que praticamente grita 2 DE DEZEMBRO para mim por cima do ombro dela.

— É o segundo dia de dezembro.

— Correto.

Ela toca de leve a tiara, e as cores oscilantes se tornam um vermelho constante, o que destaca suas feições definidas e projeta sombras em seu rosto. O escarlate profundo de seus lábios parece um pouco demais com sangue para o meu gosto. Isabella realmente poderia trabalhar na seção de Espíritos Malignos, se quisesse. Não tenho ideia de por que nunca pediu transferência.

— E você acha que — continua ela —, no segundo dia de dezembro, bem no início da nossa temporada mais atarefada, eu orquestraria um treinamento?

Enfio as mãos nos bolsos, devidamente repreendido.

— Não.

— Você está precisando de treinamento, Nolan?

— Não?

— Era para ser uma pergunta?

— Não — repito, garantindo que minha resposta soe decidida. — Não, não estou precisando de treinamento.

— Você é espírito há mais de cem anos. Eu espero que não mesmo. — Ela toca de novo a tiara, que volta a piscar. — Por que está aqui me perguntando sobre um treinamento? Não tem trabalho a fazer?

— É por isso que eu vim. Tem alguma coisa errada.

Isabella fica só me encarando.

— Com a minha designada — esclareço.

— Como assim?

— Ela é... — *Caótica. Bagunceira. Sincera.* — Jovem.

— Idade não define caráter, Nolan — diz, com o tom de voz e o rosto banalizando minha preocupação. — Você já assombrou pessoas mais jovens

que ela.

— Eu sei. Mas tem alguma coisa esquisita com esta.

Como um livro fora de lugar numa estante. Uma única nota desafinada. Uma corda puída no meio. Tem algo de diferente em Harriet York, e não consigo definir exatamente o que é.

— Ela é gentil — acrescento, sem jeito, tentando, sem sucesso, articular a conversa bizarra que tive com Harriet na noite anterior. — Meus designados... em geral não são gentis.

Um pouco obcecada por bengalas doces e com um gosto questionável para pijamas, com certeza, mas algo nela parecia genuíno. Autêntico. Ela me disse que é uma pessoa boa e eu...

Acho que acreditei nela.

Isso nunca aconteceu antes.

Isabella parece entediada.

— E você chegou a essa incrível avaliação do caráter dela depois de uma única conversa?

Faço uma careta, perdendo um pouco do autocontrole diante da frustração.

— Você não me disse várias vezes para confiar no meu instinto?

— Você não tem instinto — diz ela, seca como um deserto. — Está morto.

— Tem alguma coisa nela que parece diferente. — Familiar, quase. Fora de lugar, talvez. — Não acho que ela devia ser assombrada. Eu agradeceria se você pudesse checar se houve um erro.

Isabella aperta os lábios e pega outro globo de neve — com um porto desta vez, e um farol bem no meio. Ela o chacoalha com um giro gracioso do pulso, e o branco obscurece o vidro. Quando os flocos de neve se acomodam, o farol está envolto em luzinhas cintilantes. Um brilho fraco acende dentro dele e logo se apaga.

— Estou aqui há milhares de anos, Nolan. Já vi todos os passados, presentes e futuros que você pode imaginar. Já vi coisas que você não conseguiria nem começar a entender. — Isabella desvia o olhar do globo, os olhos escuros sérios. Cansados. Nunca a vi tão humana. — Não há erros. Não aqui. Não com isso. Você recebeu sua missão por um motivo. Cabe a você descobrir qual.

O coração de que não preciso começa a bater num ritmo irregular no meu peito. Há uma ameaça em algum lugar nessas palavras. Ou, no mínimo, um aviso.

— E se eu não conseguir?

Isabella chacoalha de novo o globo, e as luzinhas se apagam abruptamente.  
— Aí, vai enfrentar as consequências do seu fracasso.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um romance espirituoso"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).